

## UM PARAÍSO ESCRAVISTA NA AMÉRICA DO SUL: RAÇA E ESCRAVIDÃO SOB O OLHAR DE IMIGRANTES CONFEDERADOS NO BRASIL OITOCENTISTA

Luciana da Cruz Brito<sup>1</sup>  
Universidade de São Paulo

Recebido: 15/06/2015  
Aprovado: 28/06/2015

**Resumo:** Durante a Guerra Civil, quando a abolição se tornou uma realidade nos Estados Unidos, os sulistas brancos se sentiram ameaçados por aquilo que chamaram de “despotismo africano”. De acordo com eles, a abolição traria uma nova ordem racial, que significaria a inversão dos códigos raciais vigentes na região sul. Esta nova ordem significaria que os afro-americanos tomariam a liderança do sul e subjugariam os sulistas brancos. A possibilidade de reconstruir suas vidas em outra sociedade escravista parecia, para os confederados derrotados, não somente a chance de continuarem a viver sob os benefícios da exploração da mão de obra escravizada, mas também de continuar a viver sob regras raciais que lhes eram familiares. Além disso, o Império do Brasil oferecia vários incentivos à aqueles que estavam dispostos à imigrar, como terras para cultivo. Assim, milhares de confederados começaram a imigrar para países para Cuba, México, Honduras, Argentina e Brasil. Entretanto, os confederados perceberam que o Brasil não seria seu novo paraíso racial. A aparente integração racial, a assimilação social “excessiva” dos negros libertos e livres, além da mistura racial fizeram os imigrantes questionarem se o Brasil poderia ser realmente seu novo lar. Através de informações disponíveis em livros, diários e especialmente cartas enviadas para seus amigos e familiares nos Estados Unidos, este artigo discutirá as impressões dos confederados sobre raça, especialmente mistura racial, e o lugar social dos libertos na sociedade escravista brasileira.

**Palavras-chave:** Imigrantes confederados - Guerra Civil - Estados Unidos

### A SLAVE PARADISE IN LATIN AMERICA: RACE AND SLAVERY THROUGH THE EYES OF CONFEDERATE IMMIGRANTS IN 19<sup>TH</sup> CENTURY BRAZIL

**Abstract:** During the Civil War, when abolition became a reality in the United States, white southerners felt threatened by what they called “African despotism”. According to them, the abolition would bring a new racial order, which would result in the reversion of racial codes. It means that African-Americans would lead the country and they would subjugate white southerners. The promises of reconstruct their lives in another slave society seemed to the confederates the possibility to not only continue to take the benefits of exploit slave workers, but also continue to live under racial politics that they were familiar with. Besides, Brazilian Emperor gave a lot of incentives to those willing to immigrate, like free land. Thus, thousands of confederates start to immigrate to countries like Cuba,

<sup>1</sup> Endereço para correspondência: Rua Estada da Liberdade, n. 4. Primeiro andar. Lapinha-Liberdade. Salvador-Bahia. CEP: 40375-016. E-mail: lucianacruzbrito@gmail.com.

México, Honduras, Argentina, and Brazil. However, the confederates realized that Brazil would not be their new racial paradise. The apparent racial integration, the social assimilation of freed blacks, what was considered excessive, and the racial mixing made the immigrants wonder if Brazil could really be their new home. Through information available in books, memoirs and specially letters send to their friends and relatives in the U.S., this article will discuss the views of these white Americans on race, especially racial mixing, and the social place of freed blacks in Brazilian slave society.

**Keywords:** Confederate immigrants - Civil War - United States

A Guerra Civil norte-americana, conflito que ocorreu entre os anos de 1861 a 1865, pôs fim aos anos de discordância entre os estados do Sul e Norte dos Estados Unidos sobre a manutenção ou não da escravidão no país. A ideia de separação, ou secessão, foi fruto da impossibilidade de acordo entre políticos que defendiam seus argumentos pró e contra o cativeiro a partir de fundamentos que iam se sofisticando nas décadas de 1840 e 1850. Na medida em que se acentuavam os conflitos ideológicos também se acirravam os conflitos entre as regiões. A derrota dos confederados provocou diferentes sentimentos e expectativas entre a população negra e branca que vivia no sul dos Estados Unidos.<sup>2</sup>

Para a população negra, a ocupação do exército ianque nos estados do Sul significou a possibilidade de uma vida autônoma, o que gerou um remodelamento dos seus planos e perspectivas de vida futura em um país onde agora eram livres. Já para a população branca sulista, a abolição significou pânico, incertezas e a expectativa de um futuro de humilhações. Isto porque, nos estados escravistas do sul, a autoridade branca e patriarcal estava diretamente relacionada à condição de senhores de escravos. Tal autoridade, segundo eles, era fruto do seu lugar natural na sociedade, como era lugar natural dos homens e mulheres negras lhes deverem respeito e subalternidade, mesmo que depois da abolição.<sup>3</sup>

Temendo que tais mudanças também trouxessem novas regras raciais que derrubariam a autoridade e a supremacia branca na região, muitas famílias sulistas imigraram para nações latino americanas, inclusive para o Brasil. O país foi escolhido porque ainda mantinha o principal atrativo para os confederados, que

---

<sup>2</sup> FONER, Eric. **Politics and ideology in the age of the Civil War**. United States: Oxford University Press, 1980. p. 34-53.

<sup>3</sup> FONER, Eric. **Nada além da liberdade: a emancipação e seu legado**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

era a escravidão. O cativo no Império criava expectativas de que, na América Latina, os confederados pudessem reconstituir suas vidas e viver exatamente como viviam no Sul. Assim, quando os sulistas vieram para o Brasil, imbuídos de fortes valores de pureza racial, segregação e *white supremacy*, encontraram uma sociedade com hierarquias sociais e regras raciais extremamente complexas e muitas vezes distintas daquelas vigentes no Sul norte-americano.

Neste artigo, discutiremos as interpretações dos confederados, muitos deles ex-senhores de escravos, sobre a escravidão e as relações raciais vigentes na sociedade brasileira. Interessa-nos entender as diversas comparações que fizeram entre o país e sua terra natal além de perceber como, na América Latina, reforçaram suas ideias segregacionistas e racistas entre os anos de 1865 e a década de 1880. Depois da experiência brasileira, muitos deles voltariam para os Estados Unidos ainda mais crenes na ideia de pureza racial, que seria fortalecida depois de terem visto de perto os efeitos da “mistura de raças” no Brasil.

### **Fugindo do “despotismo africano”: O sul norte-americano pós-abolição**

Como já afirmamos, os sulistas esperavam que o pós-abolição provocaria uma completa inversão da ordem, ondas de violência e revanchismo racial que motivariam ataques dos negros contra os brancos. Mais graves ainda eram as previsões de que os negros se tornariam uma maioria numérica e também política, fazendo com que ocupassem cargos públicos, elaborassem leis e impusessem novas práticas sociais que fariam com que os brancos fossem seus subalternos, tornando-se vítimas de uma suposta supremacia negra.<sup>4</sup>

James McFadden Gaston, um médico da Carolina do Sul que atuou como cirurgião no exército confederado, futuramente lideraria uma campanha imigratória para o Brasil. Numa carta escrita para sua esposa quando ainda estava no campo de batalha ele expressou sua revolta ao descrever seus sentimentos quanto à participação de homens negros no exército da União: “O insulto diabólico do nosso inimigo é provocar essa vergonhosa cena que eu descrevi acima. Se eles

---

<sup>4</sup> MANNING, Chandra. **What this cruel war was over: soldiers, slavery, and the civil war**. New York: Random House, 2007. p. 4-38.

pudessem apreciar a verdadeira relação entre negros e brancos e entre senhores e servos no sul, eles veriam a maldade e insensatez de provocar esta Guerra”.<sup>5</sup>

A referida cena, que era a participação de soldados negros no exército nortista, chocou o confederado. Para ele, era inconcebível que homens negros, a quem ele se referia como *darkies*, pegassem em armas para lutar contra homens brancos em favor da sua liberdade. Além do mais, o alistamento de negros no exército, lutando contra aqueles que até recentemente eram seus proprietários, significava uma intervenção violenta sobre as regras de paternalismo e submissão que orientavam as relações entre negros e brancos no Sul dos Estados Unidos. Para o médico, os atos de insubordinação da população negra, o que era visto como desordem, eram causados pelas ideias abolicionistas sobre a política pró-abolição do recém-empossado presidente Lincoln e o motivo principal da Guerra, a escravidão.

O período pós Guerra Civil, conhecido como Reconstrução, também foi marcado pela implementação de conjunto de medidas que conferia direitos políticos aos libertos. A partir do ano de 1867, a Reconstrução garantia o trabalho livre na região sul, a reincorporação dos Estados Confederados à União, além do direito ao voto da população negra. Foi também durante a Reconstrução que ocorreu a concessão de cidadania aos afro-americanos, o que aconteceu somente com a 14ª Emenda, implementada em 1868. A abolição e a Reconstrução mudaram drasticamente a dinâmica da vida no Sul, já que a partir de então, homens e mulheres negras poderiam de alguma forma, impor novas condições de trabalho. Durante este período, os recém libertos podiam se recusar a trabalhar para seus ex-senhores, enquanto outros mantiveram estes vínculos agora como trabalhadores assalariados. Ainda assim, a violência e exploração promovida pela população branca encorajou muitos afro-americanos a deixarem o Sul e imigrarem para os estados do Norte.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> GASTON JR., James McFadden. **A pathfinder of yesterday: James McFadden Gaston: patriot, explorer, scientist (1868-1946)**, p. 25. Folder 18-20. Coleção James McFadden Gaston Papers 1852-1946, The Southern Historical Collection-University of North Carolina, p. 25. Esta obra, organizada pelo filho de James McFadden Gaston, é uma coletânea de textos e de cartas escritas pelo seu pai, contendo alguns comentários do filho sobre sua vida no Brasil.

<sup>6</sup> FONER, **A short history of reconstruction**... Op. Cit., p. 35-54.

Com o poder de controle agora limitado, a elite política do Sul se viu destituída de poder, o que gerou entre eles um sentimento ainda mais resistente à abolição, provocando diversos atos de violência que tinham como alvo homens e mulheres negras. Os ex-senhores de escravos começaram a entender que, sem a escravidão, que orientava as relações raciais, eles sofreriam uma drástica perda da soberania que os distinguia do resto da população.

O general Robert Augustus Toombs, um dos líderes fundadores dos Estados Confederados, expressou medo e revolta quanto aos novos rumos do Sul, no ano de 1867, em uma carta escrita para o general John Cabell Breckinridge, que havia sido Secretário de Guerra dos Estados Confederados e vice-presidente dos Estados Unidos entre os anos de 1857 e 1861. Quando voltou a New Orleans naquele ano, após uma viagem à Europa, Toombs recebeu de surpresa a notícia da aprovação da lei que impunha a Reconstrução no Sul, o que o fez “desejar voltar para Paris”.

Tudo parece muito pior do que eu esperava. As mudanças têm sido rápidas e radicais. O espírito do melhor grupo de pessoas tem sido completamente destruído. Falência e ruína tem se espelhado pela região... as pessoas mais sérias e elevadas estão em desespero diante do que tem acontecido.<sup>7</sup>

Para Toombs, as leis que ampliavam os direitos dos libertos, ao mesmo tempo em que enfraqueciam os ex-senhores de escravos, tinham um único efeito positivo, a resistência organizada de setores escravistas e confederados. Ele informava a Breckinridge sobre a participação de negros e nortistas no programa de Reconstrução. Segundo Robert Augustus Toombs, a situação ainda estava controlada em regiões que ficavam longe dos centros urbanos, onde os negros “se comportavam bem, desde que longe das cidades e longe da influência maligna dos Yankees”. Para Toombs, os negros viviam muito bem e felizes quando escravizados e “cuidados” pelos seus senhores, até que os unionistas incutiram em suas cabeças que viver como livre era melhor que viver como escravo, já que eles não eram capazes de discernir os benefícios da autonomia e da submissão. Este era um típico

---

<sup>7</sup> Carta de Robert Augustus Toombs para John Cabell Breckinridge, 30 abr. 1867. *Hargrett Manuscripts*, University of Georgia Libraries.

exemplo do pensamento paternalista que orientava as relações entre negros e brancos no Sul escravista.<sup>8</sup>

O destinatário da carta, John Cabell Breckinridge, havia, ele mesmo, trocado a Região Sul dos Estados Unidos por Cuba, depois Londres, Canadá, e viveu na Europa entre 1866 e 1868, quando voltou para o seu país natal. Já Robert Augustus Toombs parecia estar mais interessado em proteger sua esposa e “netinhos” do que em lutar para restabelecer o poder político confederado. Ainda na carta, ele anunciava o projeto de seguir os mesmos passos do amigo e imigrar para Toronto, no Canadá. Segundo ele, esta seria a melhor solução para se proteger da “tempestade”, ou melhor, do que chamou de “despotismo africano”.<sup>9</sup>

Rancor, ódio racial e a resistência de aceitar uma nova ordem que submetia os Confederados à União motivou a decisão de muitas famílias sulistas de deixarem os Estados Unidos.<sup>10</sup> Além disto, migrar para outras nações escravistas tornaria possível a continuação da vida sob regras raciais que eram familiares e confortáveis para os confederados. Robert Augustus Toombs justificou sua decisão como parte de uma tendência que vinha ocorrendo no Sul.

Eu acho que os radicais serão bem sucedidos na sua política: o abandono do país acontecerá numa proporção que eu não tenho ideia. Na verdade, as opiniões estão cada vez mais inclinadas a defenderem a ida para o Brasil, onde o governo parece estar extremamente ansioso para promover a imigração. Uma grande quantidade das melhores pessoas do sul estão determinadas a abandonar o país quando ficar evidente que eles não poderão defendê-lo... em dois anos vai acontecer uma guerra ou o maior êxodo que nós testemunhamos nos tempos modernos.<sup>11</sup>

Assim, a decisão de deixar os Estados Unidos pós-abolição não foi somente uma medida individual de homens que visavam proteger suas famílias. A imigração, inclusive para outras nações escravistas, como Brasil e Cuba, ou onde os confederados acreditavam que era possível que eles constituíssem uma classe dominante, foi um movimento político, uma reação de recusa à vida em uma

---

<sup>8</sup> FREDRICKSON, George M. **The arrogance of race: historical perspectives on slavery, racism and social inequality**. Hanover, NH: Wesleyan University Press, 1988. p. 17-34.

<sup>9</sup> Carta de Robert Augustus Toombs para John Cabell Breckinridge, 30 abr. 1867... Op. Cit.

<sup>10</sup> HORNE, Gerald. **O Sul mais distante: os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010. p. 287-288.

<sup>11</sup> Carta de Robert Augustus Toombs para John Cabell Breckinridge, 30 abr. 1867... Op. Cit.

sociedade pós-escravista. Como dito por Toombs, o Brasil era preferido porque era reconhecida a reputação do país como um Império escravista e estável, uma forma de ver que soava bastante atrativa para os imigrantes sulistas que tencionavam expandir negócios cuja base fundamental era a continuação do trabalho escravo, mas, também, sob regras sociais que eles acreditavam que os manteriam como uma elite escravista e racial. No entanto, as famílias confederadas não contavam com as particularidades do escravismo e das relações raciais no país latino americano, o que faria da sua experiência algo muito mais complexo do que podiam imaginar.

### **Rumo a um “país de selvagens”: o sonho escravista norte americano no brasil**

Diante da nova ordem instalada pela Guerra, também chamada de “Causa Perdida”, vimos que muitos confederados decidiram abandonar o Sul norte-americano e buscar reconstruir seu estilo de vida, da forma mais familiar possível, em outras terras. Suas origens eram várias e espalhadas pelo Sul dos Estados Unidos: eles vinham de estados como Texas, Carolina do Norte, Carolina do Sul, Louisiana e Alabama. Os destinos escolhidos também variavam muito: Cuba, Canadá, México, Venezuela, Jamaica, Honduras Britânica, Egito, Japão e Brasil, sendo que a maioria deles, cerca de oito a dez mil, partiram com suas famílias para países da América Latina. A condição de classe destes imigrantes também era diversificada, uma vez que muitos deles faziam parte de uma elite sulista composta por médicos, advogados e senhores de escravos e de terras que eram, em geral, os líderes das campanhas de imigração e mantinham ligações próximas com membros dos governos dos países para onde migraram. Outros muitos confederados eram pobres ou pequenos agricultores que, na lista de imigração, não tinham nem mesmo seus nomes mencionados.<sup>12</sup>

Dentre os vários destinos possíveis na América Latina, o Brasil recebeu especial destaque. A bibliografia do tema afirma, embora de forma não exata, que

---

<sup>12</sup> OLIVEIRA, Betty Antunes. **Movimento de passageiros norte-americanos no Porto do Rio de Janeiro, 1865-1890: uma contribuição para a história da imigração norte-americana no Brasil**. Rio de Janeiro: Edição da Autora, 1981. Sobre a diversidade entre os imigrantes ver DAWSEY, Cyrus B.; DAWSEY, James M. **The Confederados: old South immigrants in Brazil**. Alabama: The University of Alabama Press, 1995. p. 70-73; 106.

cerca de vinte mil confederados escolheram o país. Esta decisão que não foi feita de forma aleatória, sem avaliação prévia dos seus prós e contras, já que permanecer nos Estados Unidos era algo impensável para muitas famílias. Como havia afirmado um jovem imigrante no Brasil: “não há possibilidade de paz, conforto ou um governo satisfatório no sul nos próximos vinte anos”.<sup>13</sup>

Os benefícios oferecidos pelo Império brasileiro eram diversos. A relação amistosa entre o governo brasileiro e os sulistas teve origem ainda durante a guerra civil, quando o país latino-americano, contrariando as determinações do governo federal dos Estados Unidos (União), se recusou a tratar os navios sulistas como piratas negando-se a romper relações com os Estados Confederados.<sup>14</sup> Em 1860, o Império do Brasil formalizou o convite de imigração sob o argumento de desenvolver o país usando trabalhadores livres. É importante enfatizar que o Brasil não tinha interesse em imigrantes negros livres, uma vez que também já estava preocupado com a considerável população negra que habitava o país. Portanto, a imigração tinha intuítos econômicos, mas também visava mudar as características da população nacional, fazendo com que as elites brasileiras aguardassem com entusiasmo a vinda da população branca e escravista do Sul dos Estados Unidos. Um artigo publicado no jornal brasileiro *Diário de São Paulo*, em 1865, expressou os sentimentos e expectativas brasileiras quanto à vinda dos confederados:<sup>15</sup>

A raça anglo-americana não tem rival no mundo. A grande luta pela qual eles têm passado deixa sua superioridade bem estabelecida. Esta é a raça mais apropriada para nós. Eminentemente industriais, trabalhadores e perseverantes, eles trarão um impulso notável para nosso país. É impossível calcular o progresso que o país terá se esta raça vier para tornar bem aproveitada suas fontes naturais.<sup>16</sup>

---

<sup>13</sup> Sobre o número de confederados no Brasil ver: HARTER, Eugene C. **The lost colony of the Confederacy**. United States: Texas A&M University Press, 2000. p. 12. A referência completa do documento citado é: carta de Harris Gunter para William Gunter, Rio de Janeiro, 20 dez. 1866. *Gunter and Poellnitz Family Papers*. The Southern Historical Collection, University of North Carolina Libraries.

<sup>14</sup> HORNE, **O Sul mais distante...** Op. Cit., p. 235.

<sup>15</sup> *Ibidem*, p. 298-303.

<sup>16</sup> O trecho do jornal é citado em GASTON, James McFadden. **Hunting a home in Brazil: the agricultural sources and other characteristics of the country and also the manners and customs of the inhabitants**. Philadelphia: King and Baird Printers, 1867. p. 60.

O já citado imigrante James McFadden Gaston, em sua obra *Hunting a home in Brazil*, livro que serviu como principal veículo de propaganda de imigração para o Brasil, prometeu fornecer aos seus leitores uma “descrição fiel do solo, clima produtivo, pessoas e governo do país”. A primeira descrição do país também não deixava de ser pitoresca, pois no início da obra a curiosidade do leitor era provocada pela descrição do Pão de Açúcar, uma “pedra gigante e alta” que primeiro chamava a atenção da cidade junto a outras pedras gigantescas que compunham a paisagem do Rio de Janeiro. A temperatura também era descrita como “muito confortável”, melhorada pela brisa do mar que fazia o clima sempre fresco.<sup>17</sup>

O porto do Rio de Janeiro fornecia uma primeira impressão do Brasil. Gaston, ao mesmo tempo em que enfatizava o lado pitoresco, também descrevia o lado familiar das sociedades escravistas, exportadoras e portuárias. Logo, os futuros imigrantes poderiam criar esperanças de que, na América Latina, sobretudo no Brasil, suas vidas não seriam tão diferentes, preservando o cotidiano e a dinâmica que haviam perdido no pós-guerra. A cidade também revelava intensa movimentação de negócios que aconteciam na região central. As frutas e legumes vendidos por homens e mulheres livres e escravizadas eram descritas pelo autor como um indicativo da riqueza do solo brasileiro.<sup>18</sup> Obviamente, a mão de obra escrava, empregada em todas as atividades urbanas, fornecia a certeza de que a abolição, motivo que os fazia deixar seu país natal, estava longe de acontecer no Brasil:

Passando pela área de comércio da cidade, vários homens negros foram vistos vestindo nada mais que um pano amarrado nos seus lombos carregando fardos imensos. Enquanto isso, as mulheres negras estavam sentadas nas calçadas com o corpo [vestido] com um tecido que era a única cobertura acima das suas cinturas. Estas mulheres estavam envolvidas no comércio de produtos de vários tipos e pareciam estar inteiramente inconscientes de qualquer exposição inapropriada, como

---

<sup>17</sup> GASTON, *Hunting a home in Brazil*... Op. Cit., p. 3-9.

<sup>18</sup> *Ibidem*, p. 9-11.

nós podemos supor que igualmente Eva estava originalmente no Jardim do Édem.<sup>19</sup>

Outro imigrante confederado, o ex-plantador de algodão do Alabama, Charles Gunter, também fazia questão de enfatizar os benefícios da região na tentativa de convencer o filho William a imigrar para o Brasil junto com o resto da família. Para isto, era importante realçar com entusiasmo os diversos motivos que faziam da vinda para o país latino-americano a decisão mais acertada deste patriarca. No ano de 1865, Charles Gunter, então hospedado no Rio de Janeiro, dava notícias da sua chegada e das primeiras impressões que geravam esperanças sobre uma vida promissora no Brasil: “Nós estamos todos satisfeitos com as pessoas, clima e governo do país”. Outros recursos disponíveis, como a mão de obra escrava barata, também davam a imediata certeza do sucesso da empreitada. Muitos homens de posses estavam interessados em comprar terras e uma importante notícia era afirmada: “Eles dizem [que] nós podemos comprar uma terra tão grande quanto a quantidade de escravos que nós quisermos. Nós devemos viajar em alguns dias para a Bahia sob a proteção e influência do governo para examinarmos alguns [escravos]”.<sup>20</sup>

Segundo o historiador Matthew Pratt Guterl, essas conexões internacionais dos senhores de escravos eram possíveis por causa de uma compreensão, da parte dos sulistas, de que a escravidão africana era algo universal. O autor ainda afirma que os sulistas também tinham uma identidade flexível, o que lhes permitia carregar uma forte identificação com a sua região, ao mesmo tempo em que também poderiam desenvolver outras identidades possíveis, que estavam ligadas ao seu pertencimento racial e à sua condição de senhores de escravos, ou seja, sua condição de raça e de classe. Assim, mesmo que o Sul norte-americano fosse visto como um lugar superior e a América Latina como um lugar que deveria ser tomado e controlado pelos senhores de escravos norte-americanos, os confederados acreditavam que em outros países escravistas eles encontrariam parceiros e

---

<sup>19</sup> Ibidem, p. 9. Sobre o exotismo que marcava a imagem do Brasil entre os sulistas ver, também, GRIGGS, William Clark. **The elusive Eden: Frank McMullan's Confederate Colony in Brazil**. Austin, Texas: University of Texas Press, 1987. p. 2-4.

<sup>20</sup> Carta de Charles Gunter para William Gunter. Rio de Janeiro, 21 dez. 1865. *Gunter and Poellnitz Family Papers*. The Southern Historical Collection, University of North Carolina Libraries.

interlocutores. Em comum, eles defendiam a manutenção da escravidão e o fortalecimento das sociedades escravistas para além das fronteiras nacionais.<sup>21</sup>

Assim, a despeito de uma produção de notícias da época que já apontava as peculiaridades que marcavam as relações raciais e as características físicas da população brasileira, fruto da mistura racial, estes fatores parecem ter sido ignorados ou subestimados pelos imigrantes. Estes aspectos foram pontuados por diversos setores que eram contrários à imigração por considerarem que ela estava despovoando a Região Sul e transferindo para o Brasil as melhores pessoas do país.

Aparentemente, a despeito do entusiasmo inicial, o desejo de imigrar para o Brasil foi arrefecido diante das dificuldades em falar uma língua muito diferente do inglês, mas sobretudo pela dinâmica das relações raciais do Brasil. Os “modos e atitudes” dos “povos de cor” da América Latina contrariavam os valores sulistas e eram inconciliáveis com o “preconceito de cor”, o que fazia prever que estes não se adaptariam a este “ambiente estranho”.<sup>22</sup>

As notícias da “excentricidade” das relações raciais no Brasil fortaleceram os argumentos daqueles que levaram para os jornais os aspectos negativos do Brasil e que pretendiam desencorajar a imigração para o país. Através de relatos de viajantes publicados em livros e artigos de jornais da imprensa norte-americana, os autores enfatizavam os pontos negativos do país, como o clima tropical, que tornava as populações pouco dispostas ao trabalho, a grande quantidade de pessoas negras, que fazia as capitais brasileiras mais parecerem metrópoles africanas e, sobretudo, a liberdade excessiva dos libertos. Outro fator seria o pior problema do país, a mistura racial, que produzia uma população degenerada, segundo o vocabulário científico da época.<sup>23</sup>

Enquanto, para muitos, a quantidade de escravos soava como atrativo, para John Cardwell, do Texas, isto era um indicativo de que no Brasil, após a abolição,

---

<sup>21</sup> GUTERL, Matthew Pratt. **American Mediterranean: Southern slaveholders in the age of emancipation**. Cambridge and London: Harvard University Press, 2008. p. 1-10.

<sup>22</sup> Coleção James McFadden Gaston Papers 1852-1946, The Southern Historical Collection-University of North Carolina. Microfilme rolo 1. p. 65. A matéria também está disponível no jornal *DeBows Review*, jul. 1866, p. 30-38.

<sup>23</sup> Sobre as impressões de diversos setores, inclusive cientistas, sobre a população no Brasil escravista ver BRITO, Luciana da Cruz. **Impressões norte-americanas sobre escravidão, abolição e relações raciais no Brasil escravista**. 2014. Tese (Doutorado) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

esta maioria tomaria o poder formando um “governo africanizado”. Além de insetos, doenças, temperatura desagradável, inclusive o calor excessivo, o brasileiro era um povo “miscigenado, impuro e decadente”. Assim, para aqueles que nunca haviam ido ao Brasil, decidir mudar definitivamente para lá era, na sua opinião, um ato precipitado e equivocados.<sup>24</sup>

Na tentativa de advertir seus pares de que a ida para o Brasil não os poupava de conviver com os “horrores” provocados pela igualdade racial, os setores contra a imigração citaram exemplos de brasileiros libertos e descendentes de africanos que ocupavam cargos importantes no Império brasileiro. Vejamos o editorial do *Louisville Daily Journal* de 27 de novembro de 1865, que publicou um artigo originalmente impresso pelo jornal *Richmond Whig*, da Virgínia e que tinha como título: *Brasil: o charme desfeito*. A matéria era uma advertência explícita aos Confederados que desejavam imigrar e que não estavam cientes da mistura racial e da ascensão dos negros naquele país, onde eles podiam, até mesmo, ocupar cargos de prestígio no Império:

Os sulistas que pretendem imigrar estão cientes de que o gabinete (ou ministério) do Imperador é majoritariamente composto por negros? Eles sabem que, às vezes, não há um único homem de puro sangue branco no ministério sob o comando do Imperador? Estão eles cientes de que os juízes que presidem as Côrtes, diante das quais eles devem se apresentar em processos civis e criminais são na maioria das vezes, quando não sempre, juízes negros? Caso estes fatos sejam verdadeiros, e nós acreditamos que são, eles são conhecidos por poucos ou por nenhum daqueles que consideram imigrar para o Brasil em consequência da sua ligação com a instituição da escravidão.<sup>25</sup>

De um modo geral, os confederados rejeitavam a integração racial e a integração dos libertos na sociedade norte-americana. Este mesmo sentimento era mantido em relação aos libertos no Brasil. Portanto, acreditamos que somente o desconhecimento da cidadania e da integração social dos libertos brasileiros explicaria o fato de os Confederados ainda insistirem na imigração.<sup>26</sup> Os detalhes

---

<sup>24</sup> GRIGGS, *The elusive Eden...* Op. Cit., p. 36-37.

<sup>25</sup> *The Louisville Daily Journal*, 27 nov. 1865.

<sup>26</sup> HILL, Lawrence. The confederate exodus to Latin America. *The Southwestern Historical Quarterly*, v. 39, n. 3, p. 161-199, jan. 1936, p. 161-199. HARTER, *The lost colony of the Confederacy...* Op. Cit., p. 52-54. Agradeço à professora Vera Lúcia Benedito por esta e outras

sobre a dinâmica racial da sociedade brasileira que circularam na imprensa sulista durante os anos de campanha imigratória parecem ter sido desconhecidos ou subestimados pela maioria dos imigrantes norte-americanos. Presumimos que eles devem ter pensado que as regras de convívio de negros e brancos nas sociedades escravistas, por mais que variassem, sempre preservariam um lugar subserviente e secundário para a população negra, liberta ou escravizada.

### **Um paraíso (im)perfeito: escravidão, liberdade e relações raciais na sociedade brasileira sob a perspectiva dos imigrantes confederados**

Mesmo conhecendo pouco sobre a sociedade brasileira e obtendo informações a partir de livros de viagem ou escritos por agentes de imigração como James McFadden Gaston, muitos confederados acreditaram que o Brasil o melhor lugar para reconstruírem suas vidas. Ainda que nutrissem todos os preconceitos que nutriam sobre as nações latino-americanas, entendidas como degeneradas, miscigenadas e inferiores, o Brasil lhes parecia promissor porque mantinha aquilo que definia a economia, a identidade e a relações político-sociais no Sul: a escravidão.<sup>27</sup>

O já mencionado James McFadden Gaston, quando chegou ao Brasil em 1865, ficou muito satisfeito quando constatou a continuação do tráfico de africanos e a intensidade do uso da mão de obra escrava na capital do Império. Ele divulgou esta informação para seus leitores do Sul dos Estados Unidos para que tivessem conhecimento do vigor do trabalho dos homens negros, que eram descritos como “fortes e ativos”, relatando, ainda que, enquanto muitos deles trabalhavam como carregadores de pessoas e produtos, ele constatou que as mulheres vendiam frutas e demais suplementos e que muitas delas poderiam ser livres.

Chamou-lhe a atenção os arranjos que permitiam que homens e mulheres comprassem sua própria alforria através do fruto deste trabalho, a partir de negociações com seus senhores. Gaston também obteve notícias de que muitos

---

indicações bibliográficas que serão citadas ao longo deste capítulo.

<sup>27</sup> Sobre a nova conjuntura nos Estados Unidos pós-abolição e a recusa dos confederados em ficar no país devido às previsões que traçaram sobre as futuras relações raciais no país ver: SIMMONS, Charles Willis. Racist Americans in a multiracial society: confederate exiles in Brazil. **The Journal of Negro History**, v. 67, n. 1, Spring, 1982. p. 34-39.

libertos preferiam voltar para o continente africano e, considerando este um aspecto importante da história dos libertos, ficou curioso em saber se aqueles que voltaram para a África “havia caído novamente no barbarismo ou se haviam melhorado sua sorte junto àqueles que se lançam sobre a África”. A continuidade do tráfico no Brasil trouxe esperança para o confederado, já que, nos Estados Unidos, este comércio havia sido abolido desde 1808:

O grande número de negros é vista nas ruas, ambos homens e mulheres, com marcas de tatuagem sobre suas bochechas, e as mulheres com ricas figuras nos seus braços, o que indica que o tráfico de africanos tem ocorrido neste país de forma bastante ativa até um período recente.<sup>28</sup>

No caderno de anotações de Gaston, podemos encontrar mais evidências dos seus projetos no Brasil. Pouco tempo após a sua chegada ao país, ele tratou de pesquisar os custos de manutenção de uma fazenda e, contando com a orientação do senador José Vergueiro, Gaston redigiu uma planilha de custos, que também seria impressa no seu livro. Na lista, além de custos da compra de cavalos e mulas, ele também listava o preço de porcos, ovelhas, cabras e *negros*. Havendo pesquisado a dinâmica do mercado de escravos no Brasil, Gaston já sabia, por exemplo, que o preço de um homem negro adulto variava entre novecentos e mil dólares, apontava que poderia ser um bom negócio comprar homens, mulheres e crianças de uma só vez, o que baixaria o preço para entre quinhentos e setecentos e cinquenta dólares, que homens e mulheres oriundas da província de Minas Gerais eram mais baratos, e informava que estes preços eram anuais, incluindo os gastos com alimentação, vestuário e atendimento médico.<sup>29</sup>

Outras famílias também estavam esperançosas quanto aos negócios que poderiam ser feitos no Brasil e com o fato de que poderiam continuar a se sustentar com a mão de obra escrava. O veterano confederado James Alexander Thomas também pegou um navio para o Rio de Janeiro e decidiu considerar o

---

<sup>28</sup> GASTON, *Hunting a home in Brazil...* Op. Cit., p. 12.

<sup>29</sup> GASTON, *Hunting a home in Brazil...* Op. Cit., p. 193. A mesma lista manuscrita pode ser encontrada no caderno de anotações de James McFadden Gaston no Brasil, disponível em Coleção James Mcfadden Gaston Papers 1852-1946, The Southern Historical Collection-University of North Carolina. Microfilme rolo 1. A lista ainda inclui os produtos que os negros podem produzir nas plantações: milho, feijão, arroz, algodão, café e couro.

Brasil como o país para onde poderia imigrar com sua família. Em carta para sua esposa, Charlotte, que o esperava nos Estados Unidos, ele informou sobre o seu desembarque no Pará, em dezembro de 1866, e sobre a diversidade da população local que, segundo ele, eram quase 50 mil habitantes, compostos por indivíduos de uma raça mestiça (*mongrel-mixed race*). Sob a perspectiva do confederado candidato a imigrante, havia no Brasil várias raças distintas e menos *darkies* do que nos Estados Unidos. A diversidade das frutas e vegetais o tornava otimista a respeito do país, que se apresentava como um bom lugar para se fazer negócios relacionados à agricultura. Chamou-lhe particular atenção a quantidade de negros, tanto escravizados quanto livres, mas foi mais interessante para James constatar a possibilidade de comprar escravos, uma vez que, segundo ele, no Brasil, os cativos eram mais baratos do que nos EUA.

Minha querida, este é sem dúvida um grande país, mas é difícil o trabalho aqui, que é livre e não é melhor que nos Estados Unidos. O negro livre pode viver sem trabalhar, o trabalho dos escravos é tudo que podemos contar. Nós podemos encontrar [escravos] entre quinhentos a oitocentos dólares na cidade. Disseram-me que nós podemos encontrá-los por duzentos a quinhentos dólares. Se eu ficar satisfeito com este país, eu posso comprar uma fazenda e terras e eu vou fazer isso. Se assim eu fizer, eu estarei em casa com você em breve.<sup>30</sup>

Ainda que inicialmente entusiasmado, James futuramente mudaria de ideia e desistiria de imigrar para o Brasil devido à raça mestiça dos habitantes, o que, segundo ele, não seria apropriado para seus filhos. Aliás, veremos adiante, que as características físicas dos brasileiros revelava a prática ameaçadora da mistura racial que aterrorizava os confederados. É importante lembrar que, além do crescimento demográfico da população negra, o medo da mistura racial era um dos motivos que os fizeram deixar os Estados Unidos. Constatar que no Brasil aquilo que era reprimido nos Estados Unidos aqui acontecia de forma sistemática, causava dúvidas e insegurança sobre o sucesso da imigração para o país latino-americano.<sup>31</sup>

---

<sup>30</sup> Carta de James Alexander Thomas para Charlotte, 23 dez. 1866. *James Alexander Thomas papers*, 1866-1906. South Caroliniana Library. University of South Carolina.

<sup>31</sup> A informação que diz que James Alexander Thomas desistiu do Brasil está em HORNE, *O Sul mais distante...* Op. Cit, p. 331.

Os confederados imigrantes precisavam convencer a si mesmos de que a “aventura brasileira” era uma decisão acertada não só do ponto de vista econômico, mas, também, como forma de resguardar a honra dos homens do Sul, embora o Brasil tivesse aspectos que não lhes agradavam totalmente. Sabendo que as informações sobre o novo país eram controversas e que circulavam no Sul notícias negativas sobre o Brasil como parte da campanha anti-imigração, os imigrantes também tinham a necessidade de afirmar para os amigos e para as suas famílias que estavam fazendo a escolha certa. Um deles foi Russel McCord, um imigrante da Carolina do Sul que chegou no Brasil logo após a Guerra Civil e se estabeleceu na região do estado do Rio de Janeiro.<sup>32</sup>

Em março de 1868, quando escreveu uma carta para a sua irmã Mary, McCord fez questão de elencar os pontos positivos do Brasil, inclusive como vários outros imigrantes sulistas estavam obtendo sucesso no país como senhores de escravos. No Brasil, relatou ele, passava a maior parte do tempo próximo da família, na companhia da esposa, Annie, e dos filhos pequenos, uma delas já “aprendendo português rapidamente”. O filho caçula, nascido havia poucos dias, Hugh, já se alimentava com “o leite surpreendente de uma velha negra ama de leite brasileira”. A notícia de uma ama de leite disponível para um dos seus filhos dava à sua irmã Mary a ideia de que somente no Brasil a parte da família que decidira imigrar ainda poderia fazer uso desses privilégios que eram tão caros a uma sociedade escravista sulista.<sup>33</sup>

Russel McCord falava do seu sucesso e de outros confederados que estavam no Brasil. Ele mesmo informava viver em uma casa confortável e desfrutar de uma renda de dois mil dólares ao ano. Café, açúcar e carne eram abundantes no país e a família já estava “muito ligada” às frutas tropicais e outros produtos locais. A família vivia na vila de Quissaman, no interior do Rio de Janeiro, e estava alocada na fazenda de “pessoas refinadas... bem educadas, bons católicos, mas que não se incomodavam com pessoas de outras religiões”. Para desenhar um cenário

---

<sup>32</sup> Sobre Russel McCord e sua participação em um grupo que pertencia à elite maçônica do Rio de Janeiro ver: DAWSEY, Cyrus B.; DAWSEY, James M. **The Confederados: old South immigrants in Brazil**. Alabama: The University of Alabama Press, 1995. p. 78-80. A obra afirma que Russel McCord era do Alabama, mas há indícios de que ele nasceu na Carolina do Sul.

<sup>33</sup> *The Cheves Family papers*, carta de Russel McCord para Mary Eliza McCord, 28 mar. 1868. South Caroliniana Library, The Cheves Family Papers.

agradável, não só o clima era “esplêndido” durante nove meses do ano, mas o ambiente escravista também conferia familiaridade, conforto e segurança à família imigrante, que morava em uma fazenda onde toda a família era composta por plantadores de açúcar e que possuía mil escravos.<sup>34</sup>

O Brasil também era descrito como uma sociedade escravista que beneficiava não só os brasileiros, mas também os confederados de mais posses, que poderiam transferir seus negócios para o país. Russell McCord dava notícias de um imigrante da Louisiana que comprara uma “boa fazenda” com cem negros. Outro imigrante, o coronel Stuard, era vizinho da família e havia investido seu dinheiro em uma barganha, uma “*plantation* de açúcar magnífica” com mais outros cem escravos. Com estas informações, Russell tentava desmentir as “falsas impressões” sobre o Brasil elaboradas por aqueles que retornaram aos Estados Unidos. Assim, caracterizava o Brasil como “o mais refinado país do mundo”, com um governo liberal e pessoas hospitaleiras.<sup>35</sup>

Ainda assim, o imigrante deixou escapar algumas diferenças culturais que lhe desagradavam, como o fato de brasileiros não gostarem de árvores sobre suas casas e sobre os brasileiros falarem muito abertamente sobre “os assuntos mais delicados”, o que chamava de “diferenças mínimas”. Russell McCord se dizia feliz por ter vindo para o Brasil onde “ele estava melhor do que no Sul”, mas admitia preferir viver em um país onde gozava de mais independência. Ele explicava sua afirmativa dizendo que o brasileiro, tanto sua mente quanto seus modos, era mais governado pelo costume e pela religião do que por princípios, o que fazia este povo “incapaz de auto-aperfeiçoamento”. Assim, as impressões do imigrante eram uma mistura de uma leitura otimista, basicamente sustentada na manutenção da escravidão, associada aos velhos preconceitos nutridos sobre os povos latino-americanos.<sup>36</sup>

O coronel Charles Gunter veio para o Brasil com um projeto bem estruturado de contar com o apoio do governo brasileiro para construir uma colônia de imigrantes. Ele foi à colônia no Rio Doce, localizada em uma região entre

---

<sup>34</sup> *The Cheves Family papers*, carta de Russel McCord para Mary Eliza McCord, 28 mar. 1868... Op. Cit.

<sup>35</sup> Idem.

<sup>36</sup> Idem.

o Rio de Janeiro e o Espírito Santo tratando de informar ao filho no Alabama o seu entusiasmo diante da empreitada brasileira. Gunter havia alugado uma fazenda, uma prática muito comum entre os confederados, que havia de lhe custar a bagatela de 40 dólares por ano. Citou o exemplo de alguém que havia comprado 40 negros por 12.500 dólares, valor que correspondia à metade do que seria gasto nos Estados Unidos.<sup>37</sup>

Em setembro de 1865, em outra carta enviada para o irmão William, Harris Gunter, filho de Charles Gunter, dava notícias da concretização dos planos da sua família no Brasil. Naquele mês, Charles Gunter compraria a terra onde seria fundador da Colônia do Rio Doce, entre o estado do Espírito Santo e o Rio de Janeiro. Harris afirmava que seu pai acreditava que esta era a região ideal para os Confederados, melhor que o interior de São Paulo, para onde a maioria deles havia ido.<sup>38</sup> De acordo com Harris, Charles Gunter já tinha feito todos os arranjos para o funcionamento da fazenda e agora só aguardava “comprar negros”.<sup>39</sup>

Charles Gunter esperava fazer uma combinação entre trabalhadores brancos americanos livres, escravos comprados no Brasil e também homens e mulheres negras afro-americanas que mesmo livres, ele tinha a certeza de que conseguiria trazer para o Brasil. Indagamo-nos se Gunter contava em convencer ou forçar estes afro-americanos, agora libertos, a virem para o Brasil. Estaria ele confiante em antigos laços de subalternidade? O fato é que, desde que chegou ao Brasil, ele acreditava que o governo brasileiro iria apoiá-lo na sua ideia de levar um navio para Charleston, no estado da Carolina do Sul, e de lá trazer “alguns” afro-

---

<sup>37</sup> Carta de Charles Gunter para William Gunter. Rio de Janeiro, ago. 1865. *Gunter and Poellnitz Family Papers*. The Southern Historical Collection, University of North Carolina Libraries. De acordo com o livro de passageiros americanos que desembarcaram no Brasil, Charles Gunter chegou ao Brasil acompanhado de um filho, provavelmente Harris Gunter, em 15 de fevereiro de 1866. Ver: OLIVEIRA, **Movimento de passageiros norte-americanos no Porto do Rio de Janeiro...** Op. Cit., p. 13.

<sup>38</sup> Carta de Harris Gunter para William Gunter. Rio de Janeiro, 14 set. 1865. *Gunter and Poellnitz Family Papers*. The Southern Historical Collection, University of North Carolina Libraries. Sobre a colônia do Rio Doce ver: HARTER, **The lost colony of the Confederacy...** Op. Cit., p. 49-50.

<sup>39</sup> Carta de Harris Gunter para William Gunter. Rio de Janeiro, 6 nov. 1866. *Gunter and Poellnitz Family Papers*. The Southern Historical Collection, University of North Carolina Libraries.

americanos para o Brasil. Charles Gunter também estava certo do interesse de muitos em vir.<sup>40</sup>

Assim como Gunter, outros agentes de imigração, como James McFadden Gaston, também desejavam trazer, para o Brasil, homens e mulheres negras que tivessem familiaridade com o plantio do algodão. A reação do governo brasileiro de proibir a entrada dos afro-americanos trouxe desapontamento para Gaston. O Império alegou que não tinha interesse em trazer para o país ainda escravista, homens e mulheres que acompanharam de perto o processo de abolição nos Estados Unidos, por se constituírem em uma potencial má influência para as pessoas aqui escravizadas. Deixando para consultar, somente no último momento, juízes e ministros brasileiros para saber se trazer imigrante negros era permitido, a maioria dos confederados simplesmente assumiu que podia trazer os afro-americanos libertos para o país escravista.<sup>41</sup>

Várias outras famílias também entraram no Brasil com uma quantidade pequena de cativos, o que pode revelar que estes homens e mulheres seriam utilizados em serviços domésticos. O Reverendo Alexander L. Blackford, por exemplo, que, futuramente, se estabeleceria na Bahia, chegou ao país, em 23 de maio de 1867, acompanhado da filha e de uma escrava. Até mesmo o ministro americano James Watson Webb, quando veio ao Brasil em 1867, chegou acompanhado da esposa, dois filhos e uma criada.<sup>42</sup>

A história desses homens e mulheres negros norte-americanos que, ainda que em uma quantidade modesta, entraram no Brasil a partir de arranjos feitos com seus ex-senhores nos Estados Unidos, revela uma página a ser escrita da história da imigração norte-americana no Brasil. Sem os registros dos seus nomes ou documentos que nos levem aos caminhos que percorreram no novo país, ainda não sabemos os detalhes da vida dos afro-americanos que imigraram, nem se a sua condição dos libertos foi respeitada em um país escravista. Também não sabemos se permaneceram sob a tutela dos antigos senhores ou se o novo ambiente

---

<sup>40</sup> Charles Gunter revela o plano de trazer afro-americanos para o Brasil em: Carta de Charles Gunter para William Gunter. Rio de Janeiro, ago. 1865. *Gunter and Poellnitz Family Papers*. The Southern Historical Collection, University of North Carolina Libraries.

<sup>41</sup> Sobre a proibição de trazer afro-americanos para o Brasil e a tentativa dos confederados de fazê-lo ver: HARTER, **The lost colony of the Confederacy...** Op. Cit., p. 290-291.

<sup>42</sup> OLIVEIRA, **Movimento de passageiros norte-americanos no Porto do Rio de Janeiro...** Op. Cit.

colaborou para que se tornassem mais autônomos, a despeito de obstáculos reais que certamente encontraram, como o idioma e o preconceito racial.

### **As grandes desilusões : o direito “excessivo” dos libertos e mistura racial no Brasil escravista**

Depois de chegar ao Brasil, os confederados perceberam dois aspectos da escravidão e das relações raciais no país que lhes trouxeram suspeições sobre se iriam se adaptar ao novo lar. O primeiro deles foi a liberdade excessiva dos negros libertos. Como já afirmamos, no Brasil, ao contrário dos Estados Unidos, os libertos nascidos no país tinham cidadania garantida desde a Constituição de 1824, enquanto nos Estados Unidos, isso só aconteceu em 1868, com a 14ª emenda. Saber que os libertos gozavam dos mesmos direitos que as pessoas brancas chocou os confederados, que começaram, a partir de então, a perceber que havia peculiaridades entre a escravidão brasileira e aquela com a qual estavam acostumados.<sup>43</sup>

A ascensão social dos libertos brasileiros causava apreensão a um amigo da família Gunter, o senhor Mathews. Harris Gunter informava ao irmão William que as únicas duas coisas que o amigo havia afirmado temer no Brasil eram as formigas e “o espírito de democracia entre as pessoas”. Contudo, ele afirmava que estes eram males menores frente aos “negros livres, o radicalismo e as taxas” do seu país natal. Certamente, o tal “espírito democrático” brasileiro estava ligado ao trânsito social dos libertos, que o fazia lembrar os “negros livres” do Sul dos Estados Unidos.<sup>44</sup> A possibilidade de arranjos que facilitassem a compra da alforria já tinha despertado a apreensão de James McFadden Gaston, pois foi com surpresa que ele

---

<sup>43</sup> HORNE, **O Sul mais distante...** Op. Cit., p. 292; HARTER, **The lost colony of the Confederacy...** Op. Cit., p. 53. É importante afirmar que a legislação brasileira sempre evitou estabelecer critérios raciais nas suas leis, jogando estas distinções para a dinâmica das práticas sociais e costume. Sobre isso ver: ALBUQUERQUE, Wlomyra R. de. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil.** São Paulo: Cia das Letras, 2009. p. 73-81. Sobre a cidadania dos libertos no Brasil ver: MATTOS, Hebe. Racialização e cidadania no Império do Brasil. In: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria B. P. (Org.). **Repensando o Brasil no Oitocentos: cidadania, política e liberdade.** Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 349-391.

<sup>44</sup> Carta de Harris Gunter para William Gunter. Rio de Janeiro, 6 nov. 1866. *Gunter and Poellnitz Family Papers.* The Southern Historical Collection, University of North Carolina Libraries.

percebeu que as vendedoras de rua do Rio de Janeiro transitavam pelas ruas “como se fossem livres”.<sup>45</sup>

Além dos “privilégios” dos libertos, os imigrantes confederados também foram surpreendidos com a mistura racial praticada no Brasil, que permitia a ascensão social de algumas pessoas ditas “mulatas”. Muitas delas, a depender de uma combinação entre tom de pele, traços físicos e status social podiam até se passar por brancas, o que era imediatamente percebido e reprovado pelos sulistas norte-americanos acostumados com um sistema de identificação que primava pela pureza racial.<sup>46</sup> Novamente, James McFadden Gaston percebeu com apreensão a prática da mistura racial no Brasil e não gostou do que constatou. Quando encontrou com um vigário baiano, ele logo verificou que se tratava de “um mulato”, e explicou aos seus leitores que, na província da Bahia, havia “intensa mistura com o sangue africano”.<sup>47</sup>

Durante o diálogo com o sacerdote, o confederado reconheceu que ele era “um mulato que possuía inteligência acima da média”, mas interrompeu qualquer análise que o fizesse questionar seus tabus afirmando que “meu preconceito em me associar com aqueles que têm sangue negro não pode ser completamente deixado de lado ao ponto de eu me sentir à vontade com um homem de cor”.<sup>48</sup> Assim, falou mais alto o velho sentimento do sulista que nunca poderia considerar um homem negro como seu igual. Na Carolina do Sul, estado de origem de Gaston, também havia indivíduos de origem birracial e com o avançar da década de 1850,

---

<sup>45</sup> GASTON, **Hunting a home in Brazil...** Op. Cit., p. 12.

<sup>46</sup> Alguns autores tomaram literalmente as interpretações dos confederados e prosseguiram defendendo a ideia de que o Brasil tinha um sistema racial mais democrático que nos Estados Unidos e/ou que, no Brasil, a condição de escravo era aquilo que mantinha a população negra em condições subalternas. Assim, fortaleceu-se a ideia de que o Brasil era um paraíso racial, contraponto dos Estados Unidos, sem se levar em consideração uma investigação mais aprofundada sobre as nuances, sutilezas e sistema de hierarquização racial no Brasil escravista. Ver: HARTER, **The lost colony of the Confederacy...** Op. Cit., p. 52; O Brasil é descrito pelos viajantes como país onde há ausência de preconceito racial, ver: STEIN, Barbara H. O Brasil visto de Selma, Alabama, 1867. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 3, p. 47-63, 1968. Sobre os limites impostos aos libertos brasileiros e que eram baseados na cor da pele, ver: GRINBERG, Keila. **O fiador dos brasileiros: cidadania, escravidão e direito civil no tempo de Antônio Pereira Rebouças**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. O tema da “surpresa” dos confederados quando constatarem os direitos “excessivos” dos libertos é também tratado em: HORNE, **O Sul mais distante...** Op. Cit., p. 291-301.

<sup>47</sup> GASTON, **Hunting a home in Brazil...**, Op. Cit., p. 281-282.

<sup>48</sup> *Ibidem*, p. 281. O episódio em que Gaston encontrou com o padre baiano é também brevemente mencionado em HORNE, **O Sul mais distante...** Op. Cit., p. 329.

os escravos foram se tornando cada vez mais de pele mais clara. No ano de 1860, 94% das pessoas consideradas “mulatas” no Sul dos Estados Unidos viviam em regime de cativo. A população branca não tinha problemas com a sua presença, desde que fossem cativos. Negros de pele clara significavam um problema quando eram livres. Ainda na Carolina do Sul, todos os negros livres que não possuísem terras e escravos deveriam abandonar o estado e, dentre estes, 3/4 eram considerados “mulatos”.<sup>49</sup>

Portanto, o que espantou Gaston não foi necessariamente a existência de “mulatos” no Brasil, mas a possibilidade de ascensão social deste grupo quando livre ou liberto. Este era um dos graves resultados da mistura racial no país, de acordo com os imigrantes, o que denotava, na sua leitura, ausência de racismo, de regras e de ordem. Gaston ainda comentou que era preciso maior desconfiança na hora de afirmar que a cor escura da pele das pessoas era causada pelo clima quente e não pela presença de “sangue negro”, que circulava nas veias da grande maioria da população nacional. Embora existissem brasileiros brancos, de cabelos claros e olhos azuis, os descendentes de portugueses não eram “puros” e tão brancos quanto os germânicos, por exemplo. Ao final, o imigrante concluía que qualquer pele muito escura era mesmo “resultado da mistura com o negro ou com o índio, ao invés do sol quente ou do clima tropical”.<sup>50</sup>

A mistura racial associada aos privilégios dos libertos no Brasil compunha um cenário nada agradável para os imigrantes confederados. Embora alguns viajantes garantissem que no Brasil haviam distinções baseadas na cor da pele que asseguravam o privilégio da população branca, as notícias de que no país não havia preconceito racial davam a impressão de que esta sociedade não possuía um elemento fundamental para regular as relações entre negros e brancos. Uma vez que a igualdade racial era algo que fazia os sulistas se recusarem a ficar no seu próprio país, foi desconcertante perceber que africanos e seus descendentes no

---

<sup>49</sup> WILLIAMSON, Joel. **New people: miscegenation and mulattoes in the United States**. New York: The Free Press, 1980. p. 63-66.

<sup>50</sup> GASTON, **Hunting a home in Brazil...** Op. Cit., p. 282.

Brasil poderiam encontrar brechas que lhes permitissem alguma ascensão social.<sup>51</sup> Além disto, as regras de decoro racial vigentes na sociedade brasileira também eram outras. Algumas atitudes da população liberta no Sul norte-americano pós-guerra poderiam ser vistas como insolentes a ponto de justificar um ato de violência. Já no Brasil, pelo menos no caso dos libertos, castigar uma pessoa livre e cidadã porque ele ou ela não mostrou deferência a uma pessoa branca não era algo legalmente reconhecido e que justificasse uma agressão a esta pessoa.<sup>52</sup>

O Reverendo Ballard Dunn registrou, no seu livro *Brazil, the home for Southerners*, um episódio de “insubordinação envolvendo o Sr. Shylock, que era responsável por recrutar norte-americanos para o Brasil. Quando caminhava pelas estreitas ruas do Rio de Janeiro, o senhor Shylock foi trombado por um “descendente de africano”. Contrariado, o dito senhor aguardou o pedido de desculpas, mas ficou indignado com o fato de isto não ter acontecido. O “descendente de africano” seguiu seu caminho sem olhar para trás e ainda foi visto pelo Sr. Shylock na esquina mais próxima conversando confortavelmente com um homem branco, como se fossem iguais, sem nenhum sinal de deferência do “descendente de africano” em relação ao seu interlocutor. Segundo o reverendo Dunn, isto era culpa do “negrismo-livre” (*free-negroism*), sentimento muito comum entre os brasileiros e abolicionistas norte-americanos.<sup>53</sup>

Sendo assim, a experiência brasileira, de longe, representou um questionamento aos valores racistas dos confederados que ficaram ainda mais fortalecidos após a Guerra Civil. Durante e após o conflito, ainda nos Estados Unidos, os confederados se tornaram mais presos às ideologias que pregavam a pureza racial e à regra do *one drop*, que afirmava que qualquer gota de sangue negro tornava uma pessoa negra. O casamento inter-racial se tornou ilegal na

---

<sup>51</sup> HORNE, **O Sul mais distante...** Op. Cit., p. 300-301; 328-330. SIMMONS, Charles Willis. Racist Americans in a multiracial society: confederate exiles in Brazil. **The Journal of Negro History**, v. 67, n. 1, Spring, 1982. Op. Cit, p. 34-39.

<sup>52</sup> No Sul norte-americano pós-abolição, muitos atos de violência contra homens e mulheres negras cometidos por sulistas brancos foram motivados por aquilo que seria considerado uma infração às regras de subserviência racial vigentes no período escravista e que ainda se impunham como sinais de respeito à autoridade. Manter-se caminhando na mesma calçada que uma pessoa branca era algo que poderia motivar um ataque violento, pois tal atitude era vista como insolente. Ver FONER, **A short history of reconstruction...** Op. Cit., p. 35-37.

<sup>53</sup> DUNN, Ballard S. **Brazil, the home for Southerners**. New York: George B. Richardson, 1866.

Carolina do Sul, em 1865, e a Klu Klux Klan empregava a violência e o terrorismo contra tais uniões. Foi neste espírito que os imigrantes interpretaram a “ousadia” dos libertos brasileiros e os diversos tons de cor da população brasileira, que tinha suas regras próprias de hierarquização e segregação. O aparente cenário de desordem e ilegitimidade, fortalecido por velhos preconceitos sobre as sociedades latino-americanas, fez com que as famílias confederadas se “protegessem” da mistura racial no Império.<sup>54</sup>

O tema da escravidão e o perfil da população local foi tema recorrente nas cartas que James Alexander Thomas enviou para sua esposa, Charlotte. Em passagem pela Ilha de San Thomas, no Caribe, ele descreveu que cerca de quarenta negros carregaram carvão para o navio. O observador pontuou que se tratava de negros livres, mas que pareciam ser melhor governados que “nossos negros”, em uma menção ao cenário de insubordinação que, segundo os confederados, se instalou no Sul depois da abolição.<sup>55</sup> Além de estar atento para o uso do trabalho livre e o controle da população negra liberta, James também observou que, no Brasil, havia “várias raças de pessoas” e que “os brasileiros eram um pouco mais escuros que os americanos”.

#### O FIM DO SONHO CONFEDERADO...

Saber que a população escravizada brasileira também era rebelde despertava insegurança quanto à longevidade da escravidão e da tranquilidade no país. Afinal, um ambiente de crimes e de revoltas cometidas por escravos remetia aos perigos da vida cercada por homens e mulheres negras. Neste sentido, o Brasil ainda era mais grave que o Sul norte-americano uma vez que lá os libertos não gozavam dos mesmos direitos que no Brasil e a população negra parecia não ser

---

<sup>54</sup> Eugene Harter afirma que confederados da sua geração, décadas de 1920 e 1930, foram influenciados pela “harmoniosa relação entre as raças” no Brasil, e que, no país, adotaram outra visão sobre relações raciais em relação aos seus antepassados. O autor, equivocadamente, faz outras leituras superficiais sobre as relações raciais no Brasil, inclusive afirmando que no país Martin Luther King, dentre outros afro-americanos, seria considerado branco. HARTER, **The lost colony of the Confederacy...** Op. Cit., p. 23; 115-116. Sobre o preconceito dos confederados contra povos latinos ver: GRIGGS, **The elusive Eden...** Op. Cit., p. 124. Sobre o cenário das relações raciais e acirramento da violência no Sul dos Estados Unidos no pós-Guerra Civil, ver: WILLIAMSON, **New people...** Op. Cit., p. 74-94.

<sup>55</sup> Carta de James Alexander Thomas para Charlotte, 6 dez. 1866... Op. Cit.

tão numerosa quanto no Império. O perigo da tão temida guerra racial e da tomada de poder pelos negros, motivo que os fizera sair da sua terra natal, poderia também ser algo iminente no novo país.

Harris Gunter tentou fazer algumas especulações sobre o futuro da escravidão no Brasil e de que maneira o país seria prejudicado pela imposição do trabalho livre. Disposto a se aventurar pelo mundo em busca de um ambiente ideal para reconstruir a sua vida e da família, Harris dizia ao irmão que a Argentina também recebia vários imigrantes, sobretudo ingleses. O Brasil estava sendo bom até aquele momento, mas, após a morte de D. Pedro com quem a sua família mantinha relações pessoais, o futuro do país seria instável e certamente pior. Levando em consideração o potencial revoltoso da população escrava e a quantidade de negros, o jovem Gunter afirmou que a vantagem da Argentina em relação ao Brasil era que, após a abolição, o outro país era livre do “elemento negro” (*darkey element*).<sup>56</sup>

Os anos seguintes confirmariam as previsões negativas de Harris Gunter. As últimas décadas do cativeiro no Brasil foram marcadas por revoltas, crimes e pela formação do movimento abolicionista que, sobretudo a partir da década de 1870, teria forte atuação no estado de São Paulo, região onde estava localizada a maioria das colônias fundadas por imigrantes confederados.<sup>57</sup>

Quando os escravos de Luiz Antônio de Pontes Barboza se sublevaram, em Campinas, em uma noite de outubro de 1882, gritando “mata branco” e “viva a liberdade”, o episódio repercutiu na região amedrontando a população local temerosa da fúria dos insurgentes.<sup>58</sup> Certamente, a notícia da sublevação dos escravos em Campinas causou medo, mas, também, apreensão entre os muitos confederados que viviam na região. O caso foi registrado no diário de James McFadden Gaston Jr., no dia 1<sup>o</sup> de novembro de 1882, exatamente na manhã posterior ao ocorrido. Segundo o jovem Gaston, às 8 da manhã os escravos haviam se entregado à polícia afirmando que eles haviam matado o feitor, sob a alegação

---

<sup>56</sup> Carta de Harris Gunter para William Gunter, Rio de Janeiro, nov. 1866, *Gunter and Poellnitz Family Papers*, The Southern Historical Collection, University of North Carolina Libraries.

<sup>57</sup> Sobre os últimos anos da escravidão no Brasil e os conflitos que ocorreram neste período, ver: MACHADO, Maria Helena P. T. **O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

<sup>58</sup> Este episódio é narrado e discutido em MACHADO, *O plano e o pânico...* Op. Cit., p. 99-102.

de que este os tratava muito mal. Para ele, cenas de revolta de escravos já eram indicativos do nível de crise que a escravidão havia atingido no Brasil.<sup>59</sup>

Naquela semana, retornar para os Estados Unidos se tornou uma ideia fixa para James Gaston Jr. Ele, que, assim como seu pai, era interessado em ciência racialista, antropologia e era um atento observador das características físicas e do comportamento dos negros brasileiros, certamente acreditava que o Brasil pós-abolição, repleto de negros e mulatos libertos, não era mais um lugar onde as famílias confederadas poderiam viver. No dia oito de novembro de 1882, poucos dias após a revolta da fazenda em Campinas, cidade em que também vivia, escreveu em seu diário que “o Brasil, por ora, é um bom lugar para se estar longe”. O baixo preço do café seria um dos motivos, mas a principal razão seria o fato de que “os republicanos, abolicionistas e liberais ou pró-escravos, podem algum dia começar uma Guerra, da mesma forma que os negros já o fizeram três vezes contra os seus senhores nos últimos dois meses nesta mesma província”. Para Gaston Jr., os fatos que vinham ocorrendo no último ano confirmavam a urgência com que a sua família deveria retornar para os Estados Unidos.<sup>60</sup>

No mês seguinte, os McFadden seriam enganados por José, um motorista que prestava serviços temporários à família. José foi até uma quitanda e, com uma assinatura falsa do médico James MacFadden Gaston, conseguiu comprar “itens que a família não costumava consumir”. Com a farsa bem sucedida, José adquiriu duas garrafas de vinho do porto, uma lata de mortadela, duas latas de ervilha e uma lata de presunto. A compra, obviamente, foi paga pelo médico que exigiu mais atenção na próxima vez que alguém chegasse ao estabelecimento utilizando uma autorização de compra com sua assinatura.<sup>61</sup>

O fato de ser enganada por um negro brasileiro deve ter causado muita insatisfação à família McFadden. Além disto, eles devem ter entendido o ato de insubordinação como parte do contexto turbulento que marcava as décadas finais

---

<sup>59</sup> Diário de James McFadden Gaston Jr, 1 nov. 1882, p. 102. Journals and Notebooks of James McFadden Gaston (1868-1946). *James McFadden Gaston Papers*, folder 26-27. The Southern Historical Collection, University of North Carolina Libraries.

<sup>60</sup> Diário de James McFadden Gaston Jr., 8 nov. 1882, p. 112. Journals and Notebooks of James McFadden Gaston (1868-1946). *James McFadden Gaston papers*, folder 26-27. The Southern Historical Collection, University of North Carolina Libraries.

<sup>61</sup> Diário de James McFadden Gaston Jr., 23 dez. 1882, p. 112... Op. Cit.

da escravidão no Brasil. Assim, temendo que o futuro no país viesse a ser muito semelhante àquele que tentaram evitar quando imigraram, os McFadden Gaston deram fim ao sonho escravista na América Latina e, assim como cerca da metade das famílias confederadas que haviam imigrado para o Brasil e que desistiram pelos mesmos motivos, retornaram para a América do Norte pouco antes do dia 13 de maio de 1888.<sup>62</sup>

## **Conclusão**

A vinda dos confederados para o Brasil, que imigraram após a Guerra Civil norte-americana, revela as conexões existentes no mundo atlântico escravista, mas também como os senhores de escravos do sul dos Estados Unidos percebiam a América Central e América Latina como potenciais áreas de expansão influência e de poder. Além disso, quando imigraram para o Brasil com interesse na possibilidade de ainda possuírem escravos e desenvolver outros negócios sob os auspícios da escravidão, também trouxeram consigo suas percepções sobre raça, relações raciais e expectativas sobre o cativo e formas de convivência com a população negra local.

Este artigo avaliou estes aspectos relevantes para o estudo sobre a presença dos sulistas norte-americanos no Brasil. Oriundos de uma dinâmica racial distinta da brasileira, sendo ambas as sociedades escravistas e racistas, é importante perceber como se deu este “choque” de culturas, sobretudo no que diz respeito às suas idéias sobre como deveriam ser as relações entre negros e brancos em ambos os países. Analisando o Brasil a partir dos seus próprios valores e costumes, os confederados produziram uma série de registros contendo comparações, julgamentos e questionamentos que despertavam sua curiosidade e dos seus interlocutores que estavam na América do Norte.

Dentre os aspectos que mais chamaram a atenção e foram condenados pelos imigrantes confederados, estavam o tema da intrigante mistura racial praticada pela população brasileira, além dos privilégios e a ascensão social dos

---

<sup>62</sup> De acordo com Dawsey e Dawsey, cerca de 50% dos confederados que imigraram para o Brasil voltaram para os Estados Unidos já entre os anos de 1865-1875. Ver: DAWSEY; DAWSEY, **The Confederados...** Op. Cit., p. 18.

libertos, a presença de mulatos em posições sociais de prestígio, as relações dos escravos com seus senhores e os conflitos e debates políticos que marcaram os últimos anos da escravidão do Brasil.

Investigando a circulação de ideias, informações e debates em torno do conceito e das noções de raça e escravidão entre senhores escravistas do mundo atlântico, neste caso aqueles do sul dos Estados Unidos no Brasil, procuramos entender como fenômenos tais como a Guerra Civil, a dinâmica racial nos EUA e sobretudo a abolição eram eventos que estavam interligados influenciando e repercutindo em diversas nações de forma transnacional.

### **Referências Bibliográficas**

ALBUQUERQUE, Wlamyra R. de. **O jogo da dissimulação: abolição e cidadania negra no Brasil**. São Paulo: Cia das Letras, 2009.

BRITO, Luciana da Cruz. **Impressões norte-americanas sobre escravidão, abolição e relações raciais no Brasil escravista**. Tese de doutorado. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2014.

DAWSEY, Cyrus B.; DAWSEY, James M. **The Confederados: old South immigrants in Brazil**. Alabama: The University of Alabama Press, 1995.

FONER, Eric. **A short history of Reconstruction, 1863-1877**. New York: Harper & Row Publishers. 1990.

\_\_\_\_\_. **Politics and ideology in the age of the Civil War**. United States: Oxford University Press, 1980.

FREDRICKSON, George M. **The arrogance of race: historical perspectives on slavery, racism and social inequality**. Hanover, NH: Wesleyan University Press, 1988.

GRIGGS, William Clark. **The elusive Eden: Frank McMullan's Confederate Colony in Brazil**. Austin, Texas: University of Texas Press, 1987.

GUTERL, Matthew Pratt. **American Mediterranean: Southern slaveholders in the age of emancipation**. Cambridge and London: Harvard University Press, 2008.

HARTER, Eugene C. **The lost colony of the Confederacy**. United States: Texas A&M University Press, 2000.

HORNE, Gerald. **O Sul mais distante: os Estados Unidos, o Brasil e o tráfico de escravos africanos**. São Paulo: Cia. das Letras, 2010.

KAPLAN, Sidney. The miscegenation issue in the election of 1864. **The Journal of Negro History**, v. 34, n. 3, p. 274-343, jul. 1949.

MACHADO, Maria Helena P. T. **O plano e o pânico: os movimentos sociais na década da abolição**. 2. ed. São Paulo: EDUSP, 2010.

MANNING, Chandra. **What this cruel war was over: soldiers, slavery, and the civil war**. New York: Random House, 2007.

MATTOS, Hebe. Racialização e cidadania no Império do Brasil. *In*: CARVALHO, José Murilo de; NEVES, Lúcia Maria B. P. (Org.). **Repensando o Brasil no Oitocentos: cidadania, política e liberdade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009. p. 349-391.

OLIVEIRA, Betty Antunes. **Movimento de passageiros norte-americanos no Porto do Rio de Janeiro, 1865-1890: uma contribuição para a história da imigração norte-americana no Brasil**. Rio de Janeiro: Edição da autora, 1981.

SIMMONS, Charles Willis. Racist Americans in a multiracial society: confederate exiles in Brazil. **The Journal of Negro History**, v. 67, n. 1, Spring, 1982.

STEIN, Barbara H. O Brasil visto de Selma, Alabama, 1867. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 3, p. 47-63, 1968.

WILLIAMSON, Joel. **New people: miscegenation and mulattoes in the United States**. New York: The Free Press, 1980.